

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 13, número 1 (2022)
ISSN: 2177-2886

Resenha

Fracasso como (Est)Ética da (Re)Existência

El Fracaso como (Est)Ética de la (Re)Existencia

Failure as (Aesth)Et(H)ics of (Re)Existence

Esmael Alves de Oliveira

Universidade Federal de Grande Dourados - Brasil
esmaeloliveira@ufgd.edu.br

Como citar este artigo:

OLIVEIRA, Esmael Alves de. Resenha: Fracasso como (Est)Ética da (Re)Existência. **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 13, n. 1, p. 237-243, 2022. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

O livro "A Arte *Queer* do Fracasso", originalmente publicado em língua inglesa, em 2011, de autoria do importante teórico *queer* Jack Halberstam, é uma ode “a todas as pessoas fracassadas da história” (epígrafe que abre a obra). Professor titular da Universidade de Columbia (NY), Jack, ao longo da sua trajetória, tem se debruçado sobre temas caros aos estudos de gênero e sexualidade – sobretudo estudos *queer* e trans. Talvez seu trabalho mais conhecido em terras brasileiras seja o clássico *Female Masculinity*, publicado em 1998, e ainda sem tradução para a língua portuguesa.

Arte do fracasso, tomando como *locus* de análise desenhos animados (que o autor denomina de “gênero *pixarvolt*”), filmes, fotografias, literatura, intervenções artísticas, é um convite a pensar o fracasso como potência de vida. Numa sociedade marcada pelo estímulo contínuo ao “*self-made man*”, ao empreendedorismo meritocrático neoliberal, ao excesso de positividade de um “*Yes, we can*”, e valorização do desempenho individual (HAN, 2017), afirmar o fracasso é reconhecer os limites de “uma sociedade heteronormativa e capitalista, [ancorada em] formas específicas de maturidade reprodutiva combinada com acúmulo de riqueza” (p. 20 – acréscimos meus).

Nesse exercício de crítica ácida aos valores neoliberais, que atravessam corpos, subjetividades, formas de organização política e produções culturais, o fracasso emerge como potência *queer*. Nesse movimento, do mesmo modo que, em determinado momento, *queer* passou de categoria acusatória e depreciativa a sinônimo de autoafirmação contestatória aos padrões estabelecidos, o fracasso, como uma “baixa teoria” (categoria que Jack toma de empréstimo de Stuart Hall), torna-se a oportunidade para reconhecermos que “em determinadas circunstâncias, fracassar, perder, esquecer, desconstruir, desfazer, ‘inadequar-se’, não saber podem, na verdade, oferecer formas mais criativas, mais surpreendentes de ser no mundo.” (p. 21).

Com a pergunta desestabilizadora “Que tipo de recompensas o fracasso pode nos oferecer?”, Jack nos conduz, ao longo de seis capítulos que compõem a obra (além da introdução), por um itinerário marcado pelo desejo deliberado de “perda de rumo” (p. 26). Nesse itinerário *queer*, fracasso, estupidez, esquecimentos, “futilidade, esterilidade, vazio, perda, emoções negativas em geral e modos de inadequar-se” (p. 49) são o prato principal, ou o carro chefe.

No primeiro capítulo, "Revolta animada e animação rebelde", tomando como foco de análise a animação "Fuga das Galinhas", uma coluna semanal do *New York Times*, e o documentário "A Marcha dos Pinguins", Jack questiona tanto os valores normativos que atravessam nossa sociedade heteronormativa e neoliberal, quanto a potência contestatória inaugurada pelo gênero *pixarvolt*. De acordo com o autor, essas narrativas alegóricas das animações abrem espaço não apenas para “direções inesperadas” (p. 82), mas, sobretudo, para um engajamento mais radical com a revolta (p. 84).

No capítulo dois, "Cara, cadê meu falo? Esquecer, perder, andar em círculos", Jack volta-se para a personagem Dory, da animação "Procurando Nemo", e para os personagens Jesse e Chester, do filme "Cara, cadê meu carro?", para afirmar o esquecimento como estratégia de uma temporalidade *queer* “contra as lógicas de sucessão, progresso, desenvolvimento e tradição próprios do desenvolvimento hétero-familiar” (p. 114).



No capítulo três, "A arte *queer* do fracasso", o autor alude à crise financeira norte-americana de 2008, cujos efeitos foram sentidos em escala global, para pensar a noção de “armas dos fracos” – de autoria do cientista político James C. Scott. De acordo com Jack, “o conceito de ‘armas dos fracos’ pode ser usado para recategorizar o que parece inação, passividade e falta de resistência em termos de prática de obstruir os negócios do dominante” (p. 133). Voltando-se para o romance punk *Trainspotting*, de autoria de Irvine Welch, para o trabalho fotográfico da artista Tracey Moffat, para a manipulação por *google-bomb* em torno do nome do ex-presidente norte-americano George W. Bush, para a série de TV norte-americana *The L Word*, e a arte de George Brasa, Diane Airbus, Monica Magnoli, Judie Bamber, e da dupla Cabello/Carceller, o autor faz um convite ao acolhimento de uma negatividade política – que só seria possível para aquelas/es que buscam e praticam o fracasso. Sua interpelação é para que

Deixemos o sucesso e suas conquistas para os republicanos, para os gerentes corporativos do mundo, para os vencedores de *reality shows* na TV, para os casados, para os motoristas de SUVs. O conceito de praticar o fracasso talvez nos incite a descobriremos nosso panaca interno, a sermos perdedores, a ficarmos aquém das expectativas, a nos distrairmos, a nos desviarmos, a encontrarmos um limite, a nos perdermos, a esquecermos, a evitarmos maestria [...] (p. 170).

No quarto capítulo, "Feminismos marginais: negatividade *queer* e passividade radical", Jack faz a defesa e apresentação do que chama de “feminismo marginal”. Para tal feminismo, já não basta uma noção de que “não se nasce mulher, torna-se mulher”, expressão cunhada por Simone de Beauvoir. Trata-se de uma exigência ainda mais radical, ou seja, “de uma recusa de ser ou tornar-se mulher” (p. 172). Portanto, já não se trata da busca pelo sujeito do feminismo (o que pressuporia um sujeito unitário e coerente). Antes, a partir dos diálogos que Jack estabelece com feministas como Saidiya Hartman, Toni Morrison, Jamaica Kincaid e Saba Mahmood, trata-se de afirmar um “feminismo antissocial, antiedipiano, anti-humanista e contraintuitivo” (p. 174).

No penúltimo capítulo, "O assassino em mim é o assassino em você: homossexualidade e fascismo", Jack elabora uma arqueologia do sujeito gay na história moderna em busca de um “arquivo contraditório cheio de perdas e anseios, abjeção e feiura, assim como amor, intimidade e sobrevivência” (p. 200). Em seu percurso, o autor deixa evidente que não se trata de um resgate de uma história gloriosa ou baseada em “modelos heroicos do passado” (idem). De acordo com Jack, tal exercício busca antes “contestar modelos hegemônicos de identidade gay” (p. 201), que tratam de invisibilizar a correlação entre sexualidade e política. Não por acaso, ao longo do capítulo, Halberstam opta por analisar tanto a conexão entre homossexualidade e nazismo-fascismo, quanto o masoquismo feminino. Em cena, a defesa de que ser *queer* é comprometer-se em fracassar.

Por fim, no último capítulo, "Fracasso animado: terminar, fugir, sobreviver", Jack questiona a perspectiva de que o cinema seria pura ideologia – tal como defendida pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek. De acordo com

Jack, “o cinema de animação, longe de ser uma forma de pura ideologia [...] é, na realidade, um campo tecnológico rico para repensar coletividades, transformação, identificação, animalidade e pós-humanidade” (p. 203). Atentando às zonas de fuga, Halberstam entende que em animações como “Wallace” e “Gromit”, “Caroline” e “O fantástico Sr. Raposo”, é a arte *queer* do fracasso a se dar a ver. Nessas tramas, “coisas ruins acontecem [...] e o fracasso está à espreita” (p. 245). Em tom de conclusão, diz-nos o autor,

Viver é fracassar, não saber fazer, decepcionar e, ao fim e ao cabo, morrer; em vez de procurar formas de evitar morte e decepção, a arte *queer* do fracasso envolve a aceitação do finito, o acolhimento do absurdo, do bobo e do pateta irremediável. Em vez de resistir a fins e limites, vamos nos regozijar com todos nossos fracassos inevitáveis e fantásticos (p. 245).

Longe de querer esgotar a riqueza da obra, bem como de dar conta de apresentar as várias questões que enseja – o que fugiria ao escopo de uma resenha – gostaria de analisar a importância do trabalho de Jack Halberstam, a partir das repercussões subjetivas, após a leitura do livro. Em primeiro lugar, é importante destacar que “A Arte *Queer* do Fracasso”, vem a se somar com uma série de trabalhos publicados nas últimas décadas, tanto no Brasil quanto no exterior, cujas/os autoras/es, pertencentes a diferentes campos disciplinares, têm problematizado os efeitos do modelo neoliberal sobre nossos modos de vida, nossos corpos, nosso gênero, sexualidades, subjetividades (PELBART, 2003, 2015; HAN, 2017 [2010]; PRECIADO, 2018 [2008]; ROLNIK, 2018).

A partir de diferentes perspectivas teóricas e metodológicas, as/os autoras/es (d)enunciam que mudanças de ordem sócio-econômico-políticas fomentadas pelo neoliberalismo, pelas novas tecnologias, pelo protagonismo político e econômico da indústria farmacêutica e dos saberes psi, dentre outros atores, têm incidido diretamente sobre o modo que nos relacionamos conosco, com as pessoas e com o mundo a nossa volta. Situando este contexto, a partir da noção de “regime colonial-capitalístico”, afirma Rolnik (2018):

Uma atmosfera sinistra envolve o planeta. Saturado de partículas tóxicas do regime colonial-capitalismo, o ar ambiente nos sufoca. Com sucessivas transmutações, tal regime vem persistindo e se sofisticando desde o final do século XV, quando se dá sua fundação. Sua versão contemporânea – financeirizada, neoliberal e globalitária – começa a se formar já na vidade do século XIX para o século XX e intensifica-se após a Primeira Guerra Mundial, quando se internacionalizam os capitais; mas é a partir de meados dos anos 1970 que atinge seu pleno poder, afirmando-se contundentemente – e não por acaso – após os movimentos micropolíticos que sacudiram o planeta nos anos 1960 e 1970. É já nesse período – meados dos anos 1970 – que se dão os primeiros passos de um trabalho de decifração dos rumos atuais do regime em sua complexa natureza, os princípios que a regem e os fatores que criam as condições para sua consolidação (ROLNIK, 2018, p. 29).

Ainda de acordo com Pelbart (2015, 2015, p. 20-21), o que temos

experimentado atualmente é uma tentativa de “vampirização e comercialização de formas de vida”. Para Han, é evidente que “vivemos numa loja mercantil transparente, onde nós próprios enquanto clientes transparentes, somos supervisionados e governados” (HAN, 2017, p. 128). Por sua vez, Preciado (2018) afirma que, em um mundo pós-fordista, os aparatos biotecnológicos são as novas armas de governo.

Ao problematizar o fracasso numa sociedade que valoriza o êxito, o sucesso, a eficiência, o resultado, Halberstam não apenas retoma tal contexto social e político mais amplo, mas dá um passo além. Portanto, já não se trata de pensar num “capitalismo mais humanizado”, ou mesmo de especular se outro mundo/sistema é possível. Sua proposta, desde uma perspectiva *queer*, é antes a de valorizar aquilo que para o modelo vigente compreende e qualifica como da ordem do fracasso, da infâmia, do sombrio, do inadequado, do odioso. Não por acaso nos diz o autor, “Para pessoas do pensamento negativo, há vantagens definitivas em falhar. Livre da obrigação de manter-se sorrindo durante a quimioterapia ou a bancarrota, a pessoa do pensamento negativo pode usar a experiência do fracasso para confrontar as iniquidades grotescas da vida cotidiana [...]” (HALBERSTAM, 2020, p. 22-23).

Tal postura, antes de representar conformismo, ou niilismo, como alerta o autor (p. 50), implica tanto para uma recusa deliberada aos modelos/padrões socialmente impostos, quanto para a abertura para a superação do imperativo da positividade (HALBERSTAM, 2020; HAN, 2017). Numa sociedade em que o sucesso é para alguns poucos afortunados/as, e o fracasso é a única certeza para a maioria, o perder-se emerge como caminho possível e ético-politicamente viável. Nos diz Jack, “[...] devemos lançar mão do matagal dos saberes subjugados que brotam como erva daninha entre as formas disciplinares do saber, sempre ameaçando oprimir o cultivo e a poda do intelecto com vida vegetal insana” (p. 30). Portanto, já não há espaço, como afirma o autor ao longo de toda a obra, para nenhuma lógica heroica e grandiosa, bem como para nenhuma saída mágica. Afinal, não há o que procurar quando não há nada (mais) a se perder. Além disso, não podemos desconsiderar que, em uma temporalidade *queer*, não ter um projeto traçado (ou mesmo um projeto), não significa a impossibilidade de deslocamento. Deslocamentos não lineares, deslocamentos por zonas de fuga, deslocamentos por “espaços entre”, fronteiriços, indisciplinados, desejanter, não binários.

Ao finalizar a leitura de "A Arte *Queer* do Fracasso", foi quase inevitável não estabelecer uma correlação com a proposta (est)ética de Michel Foucault (2017). De acordo com o filósofo francês, uma (est)ética da existência pode ser delineada como:

[...] práticas refletidas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam regras de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e que responda a certos critérios de estilo (FOUCAULT, 2014, p. 16).

Portanto, uma (est)ética da existência não se baseia na busca de um dizer verdadeiro sobre o sujeito (vinculado a relações exteriores e transcendentais do poder pastoral), mas “fazer da própria existência, desse material

essencialmente mortal, o lugar de construção de uma ordem que se mantém por coerência interna” (GROS, 2011, p. 480). Ora, não é justamente um cuidado de si, enquanto *contraconduta*, que se apresenta em "A Arte *Queer* do Fracasso"? Afinal,

assim como houve formas de resistência ao poder na medida em que ele exerce uma soberania política, assim como houve outras formas de resistência, igualmente desejadas, ou de recusa que se dirigem ao poder na medida em que ele explora economicamente, não terá havido formas de resistência ao poder como conduta? (FOUCAULT, 2008, p. 257).

A partir da arte do fracasso, trata-se de repensar as fronteiras do humano, do que se entende por humano, da vida e do vívido, do que se entende como vida e vivido, de quem pode “não ser fracassado” e de quem o é – não por uma decisão pessoal, mas por uma imposição social, econômica e política. Em obra recente, a transfeminista Jota Mombaça (2021) nos interpela:

À revelia do mundo, eu as convoco a viver apesar de tudo. Na radicalidade do impossível. Aqui, onde todas as portas estão fechadas, e por isso mesmo somos levadas a conhecer o mapa das brechas. Aqui, onde a noite infinita já não nos assusta, porque nossos olhares comungam com o escuro e com a indefinição das formas. Aqui, onde apenas morremos quando precisamos recriar nossos corpos e vidas. Aqui, onde os cálculos da política falham em atualizar suas totalizações. Aqui, onde não somos a promessa, mas o milagre. Aqui, onde não nos cabe salvar o mundo, o Brasil ou o que quer que seja. Onde nossas vidas impossíveis se manifestam umas nas outras e manifestam, com sua dissonância, dimensões e modalidades de mundo que nos recusamos a entregar ao poder. Aqui. Ainda aqui (MOMBAÇA, 2021, p. 14).

Para muitas/os, viver “apesar de tudo” é (est)ética da existência. Não se trata de opção, mas de necessidade. Esse existir minoritário de travestis, transexuais, população em situação de rua, migrantes, refugiados, pessoas em privação de liberdade, dentre outras realidades, é uma celebração do fracasso, não como resiliência, mas como radicalidade de um existir que se impõe, apesar das circunstâncias hostis e adversas.

Na segurança de nossos privilégios, estamos longe de compreender que para muitas/os, o fracasso não é da ordem da escolha deliberada, mas condição de vida incontornável. O fracasso ético aqui se impõe como questionamento dos projetos civilizatórios, humanistas, democráticos, universalistas, culturalistas (...), apontando seus respectivos limites. Nas fronteiras do humano, entre estilhaços, quebras, ruínas, lá onde o dia é sempre noite, lá onde futuro não existe e o presente é incerto, onde não há cálculo, mas só imprevisibilidade, o *queer* é condição de (re)existência.

Por fim, é preciso dizer que "A Arte *Queer* do Fracasso" nos chega em momento oportuno. Seja pela riqueza de questões que levanta, seja pelos *insights* que nos inspira nesse complexo cenário político-pandêmico que nos atravessa. Um cenário literalmente mórbido, tanto em relação aos mais de 600

mil mortos em decorrência da pandemia de Covid-19, no Brasil, como também ao modo desastroso como a crise sanitária (e humanitária) tem sido conduzida no país. Em meio aos ataques às Universidades públicas e aos institutos de pesquisa, bem como a suas/seus pesquisadoras/es, aos cortes orçamentários destinados à pesquisa e às políticas assistenciais, aos escândalos de corrupção de membros do atual governo no processo de compra de vacinas, ao aumento das taxas de feminicídio, transfeminicídio, lgbtfofia e racismo, afirmar a potência do fracasso como antídoto aos fascismos messiânicos é estratégia de resistência, é (est)ética da (re)existência.

Referências

FOUCAULT, Michel. **A Coragem da Verdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres**. São Paulo: Paz e Terra, 2014.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, Território, População**: curso dado no Collège de France (1977-1978). São Paulo: Martins Fontes, 2008.

GROS, Frédéric. Situação do Curso. *In*: FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2011. p. 613-661.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. 12 ed. Petrópolis: Vozes, 2017.

HALBERSTAM, Jack. **Female Masculinity**. Durham, NC: Duke University Press, 1998.

MOMBAÇA, Jota. **Não Vão nos Matar Agora**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

PELBART, Peter Pál. Políticas da vida, produção do comum e a vida em jogo... **Saúde Soc.**, São Paulo, v.24, supl.1, p.19-26, 2015.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital**: ensaios de biopolítica. São Paulo: Iluminuras, 2003.

PRECIADO, Paul Beatriz. **TESTO JUNKIE**: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

ROLNIK, Suely. **Esferas da Insurreição**: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018.

Recebido em 29 de outubro de 2021.

Aceito em 11 de maio de 2022.

Esmael Alves de Oliveira

243